

## A TRADUÇÃO DE TEORIA NA FORMAÇÃO DO TRADUTOR

### *TRANSLATION OF THEORY IN TRANSLATOR EDUCATION*



Márcia Moura da SILVA

Professora adjunta

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Departamento de Línguas Modernas

Programa de Pós-Graduação em Letras

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

<https://lattes.cnpq.br/4660817760577451>

<https://orcid.org/0000-0002-4788-1461>

[marciamouras@hotmail.com](mailto:marciamouras@hotmail.com)

**Resumo:** Ainda que haja uma forte tendência em se pensar no ensino de tradução como um treino na arte de transferir um texto em língua A para um texto em língua B, formar um profissional de tradução envolve diversos processos que vão muito além de conhecimento linguístico. Em um curso universitário, espera-se que o tradutor em formação desenvolva diferentes competências para lidar com as complexidades do fenômeno tradutório, sendo que o conhecimento de teoria tem o potencial de trazer incontáveis benefícios para o aprendizado dos futuros profissionais. Esses benefícios podem ser ainda maiores quando a própria teoria se torna material a ser traduzido. Traduzir textos que discutem a tradução do ponto de vista prático e teórico não só contribui para a aquisição de conhecimento sobre o fazer tradutório, como também promove o compartilhamento do que está sendo discutido nos Estudos da Tradução. Ao ter acesso, por meio da tradução, a diferentes perspectivas, podemos repensar nossas abordagens teórico-metodológicas, assim como compartilhar nossas reflexões, visto que fazemos parte de um grupo que produz e consome um alto volume de textos traduzidos. Em um mundo globalizado, essas trocas via tradução são essenciais para minimizar desigualdades e assimetrias. Neste artigo, busco contribuir com essa discussão a partir da prática docente, mostrando como a tradução de teoria é exercitada em diferentes estágios de um curso de Bacharelado em Tradução.

**Palavras-chave:** Estudos da tradução. Tradução de teoria. Formação de tradutores. Competência tradutória.

**Abstract:** Although there is a strong tendency to think of translation education as training in the art of transferring a text in language A to a text in language B, translator education involves several processes that go far beyond linguistic knowledge. In an undergraduate course, translation students are expected to develop different competences to address the complexities of translational phenomena; in this respect, knowledge of theory can bring countless benefits to the learning process of future translators. These benefits can be even more significant when the theory becomes material to be translated. Translating texts that discuss translation from a practical and theoretical point of view not only contributes to acquiring knowledge about the translation process but also promotes the sharing of ideas discussed in Translation Studies. By gaining access, through translation, to different perspectives, we can rethink our theoretical and methodological approaches. As part of a group that produces and consumes a high volume of translated texts, we can also share our reflections with the world. In a globalised world, these exchanges via translation are vital to minimise inequality and asymmetry. In this article, I seek to contribute to this discussion based on my teaching practice, showing how translation of theory is exercised at various stages of a Translation BA course.

**Keywords:** Translation studies. Translation of theory. Translator education. Translation competence.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

## Introdução

Pym é categórico ao afirmar que o conhecimento de teoria não faz com que os tradutores traduzam melhor do que aqueles que não o têm, mas reconhece que ele pode levar a questionamentos produtivos. Além disso, esse conhecimento pode servir como agente de mudança e desafiar opiniões cristalizadas. Para o teórico,

[a] explicitação e divulgação do produto da atividade de teorização podem contribuir para tornar as pessoas conscientes de que a tradução é algo complexo, difícil o suficiente para ser estudada seriamente nas universidades, melhorando, assim, a imagem pública de tradutores e intérpretes (Pym, 2017, p. 24).

De maneira semelhante, Schäffner (2000), ao apresentar seu modelo de competência tradutória, que não inclui conhecimento teórico, sugere que tradutores em formação adquiriram esse conhecimento no início de seus estudos, pois ele permeia as competências e pode ajudá-los nas tomadas de decisão em suas traduções. Já o modelo de Hurtado Albir (2015a; 2015b) contempla a teoria na forma de uma das subcompetências, *conhecimento sobre tradução*, que se refere tanto a saber sobre o funcionamento da tradução como de aspectos da profissão, que são aspectos discutidos por diferentes teóricos dos Estudos da Tradução (ET).

2 Bassnett & Johnston (2019) expressam preocupação com o cenário dos ET no que diz respeito a estudantes que se veem como pesquisadores em tradução sem ter, de fato, estudado teoria<sup>i</sup>. Para os autores, muito do que se escreve sobre tradução é produzido na área da literatura, sem reconhecimento da existência da disciplina.

[S]ob o termo genérico “Estudos da Tradução” abriga-se muitos programas de treinamento prático para tradutores, com pouquíssima contribuição teórica e com mudança de enfoque da pesquisa para a história da prática tradutória. Como já observado, à época do surgimento do novo campo, supunha-se que a tradução deveria ser vista como um dos principais elementos no desenvolvimento de processos de transmissão de ideias, textos e práticas culturais, mas um número significativo de pesquisas nessas áreas hoje se apoia na literatura comparada ou mundial, com pouco ou nenhum reconhecimento de que os ET sequer existem. Um número bem menor de pesquisas dessa natureza acontece sob a égide dos Estudos da Tradução, ainda que os fundadores da disciplina tenham afirmado no final da década de 1970 que isso era

---

primordial para se alçar o status da tradução (Bassnett e Johnston, 2019, p. 183-184, tradução nossa).<sup>ii</sup>

Se esses autores indicam que o conhecimento de teoria pode trazer benefícios à prática tradutória, acredito que traduzir a teoria da área pode potencializar esses benefícios. Em outro trabalho (Silva, 2020), já falava na importância de trabalhar textos acadêmicos com tradutores em formação, pois é uma maneira de se prepararem para suas próprias produções na área, tanto em português, como em língua estrangeira. Além disso, traduzir/verter textos dos ET é dar acesso a discussões teóricas que estão acontecendo em outros países e apresentar lá fora o que está sendo produzido em nosso. É preciso nos conscientizarmos que temos contribuições a fazer em relação às reflexões sobre o fenômeno tradutório, sobretudo se considerarmos que fazemos parte do grupo que mais produz e consome traduções<sup>iii</sup>. Como observam Bassnett e Johnston (2019), há pouco conhecimento das complexidades envolvidas no processo tradutório por parte de quem não fala uma segunda língua, ou de quem estuda línguas de uma perspectiva filológica. Segundo os autores, é difícil até avaliar traduções em culturas pouco habituadas à tradução, pois nelas predomina uma visão negativa do texto traduzido, que é visto como uma mera reprodução do texto de partida (TP). Assim, vejo a importância de também traduzirmos para a língua estrangeira a teoria gerada por nós, pois temos experiência direta com textos traduzidos.

Bassnett e Johnston (2019) ainda apontam que no cenário específico dos ET, os trabalhos mais conhecidos na área são produzidos por países eurocêntricos, constituindo uma forma de colonialismo moderno. Os autores alertam para o que chamam de “contradição cultural” (p. 181), pois, ainda que haja um baixo volume de textos traduzidos para o inglês, muita da discussão sobre a prática tradutória é feita nessa língua. Essa dinâmica, como adverte Tymoczko (2009) mantém os ET em uma redoma eurocentrista que, inclusive, beneficia um conceito de tradução limitado, que retira do tradutor sua agência:

os Estudos da Tradução devem ir além de conceituações eurocêntricas, e os tradutores devem refletir sobre sua própria compreensão pré-teoria e sua prática tradutória para que a tradução não se torne um instrumento de dominação, opressão e exploração. Os próprios tradutores correm o risco de se tornarem agentes de violência de vários tipos. Quando os tradutores não têm consciência de suas suposições pré-teoria, eles também

---

desempenham papéis hegemônicos em seu trabalho e concordam em limitar sua própria agência como tradutores (Tymoczko, 2009, p. 176, tradução nossa).<sup>iv</sup>

Tais deliberações reforçam a necessidade de também traduzirmos nossas produções para divulgar o trabalho desenvolvido aqui. Há autores e autoras brasileiras cujos nomes já estão consolidados nos ET, como é o caso de Rosemary Arrojo, Else Vieira, Fábio Alves, que produzem também em língua inglesa, mas, como indicam os autores aqui mencionados, é preciso dar espaço a outras vozes da área para que se promova mais diversidade na disciplina, e isso pode ser feito via tradução; selecionando um escopo maior de textos que discutem a tradução em diferentes línguas e culturas.

No mundo globalizado de hoje, como nos lembram Bielsa e Hughes (2009), a tradução é essencial para a comunicação em geral, sendo a própria globalização responsável pelo aumento das traduções, ainda que, indubitavelmente, em volume muito maior a partir do inglês. Similarmente, Cronin (2017) afirma que não pode haver conectividade sem tradução, pois ainda que tenhamos informação nas pontas dos dedos em tempo real, com a diversidade linguística do planeta, somente a tradução pode dar acesso a quem não fala inglês. Assim, como defende Tymoczko (2009), é preciso ampliar o conceito de tradução para abrir espaço para outras perspectivas, pois isso impacta o papel da tradução e do tradutor no mundo globalizado.

4  
Ampliar a conceituação da tradução para além das visões ocidentais abre espaço para mais tipos de processos de tradução, para mais tipos de traduções e para diferentes formas de empoderamento do tradutor, assim, expandindo simultaneamente o escopo e as formas da tradução e a agência tradutória. Todos esses fatores são relevantes para o papel que a tradução e os tradutores desempenham em um mundo globalizado, indicando o potencial da tradução tanto para fomentar quanto para mitigar a violência política (Tymoczko, 2009, p. 179, tradução nossa).<sup>v</sup>

Embora Tymoczko, que trabalha com teorias pós-coloniais e relações de poder na tradução, destaque a questão da violência política — como faz Baker em alguns de seus trabalhos (2006; 2010), o fato de se ter uma disciplina criada e mantida conforme perspectivas eurocêntricas (apesar das diversas “viradas” pelas quais vem passando os ET desde sua criação), impacta outros tantos aspectos que permeiam o fenômeno tradutório. Assim, não só é importante traduzirmos textos teóricos para participarmos mais ativamente das discussões

---

que eles promovem, mas também selecionarmos textos que nos inclua nessas discussões. A seguir relato um pouco da experiência de usar a teoria na prática tradutória em um curso de Bacharelado em Tradução<sup>vi</sup>.

### Traduzindo teoria no ambiente de formação

Impulsionado pelo número crescente de trabalhos na área como, por exemplo, Hurtado Albir (2015a; 2015b) ; Echeverri (2015) ; Kiraly (2014) ; Kelly (2005; 2007); Schäffner (2000), que estão em constante diálogo com áreas da educação, o debate sobre formação de tradutores no Brasil também avança (Alves *et al.*, 2000; Costa, 2020; Esqueda, 2018, 2020a, 2020b; Neckel e Vasconcellos, 2023a, 2023b; Pereira *et al.*, 2020)<sup>vii</sup>; Eu me formei tradutora sem nunca ter lido teoria de tradução durante a formação, pois o objetivo do curso era treinar os alunos para as necessidades do mercado daquela época. Embora o treinamento seja essencial, hoje sabemos que um curso de formação não pode abrir mão da discussão teórica. Há ainda um grande número de cursos que focam treinar seus alunos única e exclusivamente para o mercado de trabalho, mas em paralelo desabrocham cursos preocupados em uma formação holística (Silva e Loguerio, 2024; Silva e Loguerio, 2021), em que se abre espaço para a reflexão sobre o fenômeno tradutório.

Ao discorrer sobre o ensino de tradução, Echeverri (2015) distingue formação de treinamento. Enquanto treinamento está mais voltado às demandas específicas da profissão, formação se refere ao tipo de instrução que alunos recebem em contextos sociais mais amplos de universidades. Essa distinção vai ao encontro do que diz Pym (2017) em relação a alguns benefícios da teorização — é no ambiente universitário que se dá início à conscientização das complexidades do fazer tradutório; é em um curso de Bacharelado em tradução que o tradutor em formação é incentivado a questionar suas escolhas, seu papel, sua agência. A meu ver, nada disso seria possível sem o apoio da teoria, porém, é importante saber escolher quais textos usar para promover esses questionamentos. Se ler e discutir a teoria auxilia a formação de tradutores conscientes, pressupõe-se que traduzir a teoria aumente os benefícios, pois é como se o futuro tradutor entrasse em um “*next level*” de compreensão, visto que sua relação com o texto deixa de ser somente aquela de leitor.

Segundo Sobral (2008), por exemplo, há três modalidades de leitura envolvidas no processo tradutório: a do leitor, a do tradutor e a do autor. Enquanto leitor, o tradutor busca “extrair sentidos” (p. 118) do texto para melhor comprehendê-lo. Enquanto tradutor, além da compreensão, ele busca as maneiras como o texto cria sentido, procurando identificar o leitor-

---

alvo e os recursos empregados pelo autor que revelam a imagem que esse autor dá de si no texto. Já como autor, soma-se às etapas anteriores o fato de que o tradutor se põe no lugar do outro e se torna coautor do texto em outra língua. Em suma, “ao ler como leitor, como tradutor e como autor (...), o tradutor lê o dito e o modo de dizer e os recria na outra língua” (Sobral, 2008, p. 118). Conquanto a ideia de existirem três modalidades de leitura seja bastante útil para entendermos que o tradutor faz uma leitura mais atenta dos textos que traduz, é importante lembrar que, conforme defende Arrojo (2003), ancorada em reflexões desestrutivistas, a origem do significado não se encontra fora do sujeito e de seu contexto de leitura, pois ele não é estável. Ou como aponta Nord (2018), de uma perspectiva funcionalista, o tradutor traduz a sua interpretação do que acredita ser a intenção do autor.

Se trouxermos essas reflexões para a tradução de teoria em situação de formação de tradutores, podemos inferir que por ter uma compreensão diferenciada dos textos teóricos que lê, o tradutor, não isento de sua subjetividade, e acionando as competências tradutórias, está em uma posição privilegiada ao produzir seus textos, pois saberá levar em consideração, entre outros, fatores como: lugar de fala, seu próprio contexto, seu conhecimento sobre o que representa a tradução na cultura receptora e que lugar essa cultura ocupa no cenário mais amplo da tradução, assim estando mais apto a contribuir para a discussão teórica local e global.

Em um curso de formação de tradutores tem-se a oportunidade de trabalhar a tradução de teoria em diferentes estágios — nas aulas práticas, no estágio e no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A seguir, trago minha experiência com essa prática nesses três momentos no curso de Bacharelado em Tradução da UFRGS<sup>viii</sup>. Mas antes de prosseguir, gostaria de ressaltar que essa experiência é no par linguístico inglês/português, minhas línguas de trabalho, ainda que, além das aulas práticas e estágio para os alunos do inglês, eu ministre a disciplina teórica, que é obrigatória aos alunos de outras línguas estrangeiras do curso de Letras e que me leva a orientar TCCs de alunos de diferentes línguas.

## Aulas práticas

Nas aulas de prática de tradução busco incentivar os alunos a recorrerem à teoria para pensarem suas escolhas. É um trabalho desafiador, pois, geralmente, a primeira reação dos alunos ao receberem um texto para tradução é traduzi-lo imediatamente. É preciso insistir na importância de se fazer algumas ponderações sobre o TP e o que querem atingir com a tradução antes de iniciar o processo. Assim, para toda tradução precisam responder perguntas mais gerais sobre o TP (e.g., gênero, tipo textual, seu entendimento do conteúdo), problemas de

---

tradução<sup>ix</sup> em potencial; possíveis soluções etc. As respostas são fruto de discussão que é feita em duplas ou trios, o que reforça a ideia de construção de conhecimento de maneira coletiva, colaborativa e interpessoal (Kiraly, 2014). Embora eu dê preferência a trabalhar com uma variedade de gêneros textuais, todos os semestres trabalhamos com textos teóricos dos ET. Como há sempre essa discussão pré-tradução, inevitavelmente discutimos o conteúdo do texto, o que contribui para uma melhor compreensão da nossa própria área. Além disso, os alunos também se tornam mais familiarizados com a terminologia da disciplina; podem verificar, por exemplo, que alguns conceitos têm diferentes denominações dependendo de região geográfica, diferentes perspectivas político-ideológicas, diferentes teorias.

Como o curso em que leciono oferece apenas uma disciplina obrigatória de teoria de tradução, estender o debate teórico para as aulas práticas é essencial para que os alunos se mantenham atualizados sobre a área e não deixem de refletir sobre seu papel enquanto tradutores. Ao promover uma discussão prévia sobre o TP e seus desafios e possíveis soluções para os problemas de tradução para todos os textos traduzidos pela turma, acredito estar conduzindo-os a um lugar de reflexão que é essencial para sua formação.

Como aponta Pym (2017), sempre que delibera sobre suas escolhas, de maneira privada ou com outros tradutores, o tradutor está, de certa forma, teorizando. Assim, vejo o uso de textos da própria área como uma maneira de incentivar os alunos a “teorizarem” com as nossas necessidades em mente — se como já mencionado, fazemos parte do grupo que mais produz e consome textos traduzidos, precisamos ter essa perspectiva em mente ao decidirmos como traduzir e também para refletirmos sobre a adequação da teoria produzida no hemisfério norte para nossa prática tradutória.

Retomando a ideia da importância da teoria na prática tradutória (Pym, 2017; Schäffner, 2000; Hurtado Albir (2015a; 2015b), não podemos dissociar teoria e prática na sala de aula, pois o que se lê e discute em uma disciplina de teoria de tradução será aproveitado para as aulas práticas. Assim, destaco a relevância de termos cada vez mais trabalhos seminais da área traduzidos para o português, pois em cursos em que nas aulas de teoria alunos de diferentes línguas de trabalho se encontram, a língua estrangeira, geralmente o inglês, nem sempre é suficiente na transmissão de ideias muitas vezes complexas, mas que são fundamentais na formação do tradutor. Afinal, um dos principais papéis da tradução é dar acesso àqueles que não falam outras línguas, o que, certamente, inclui textos sobre a própria área de estudo.

Nesse sentido, a tradução de obras como *A invisibilidade do tradutor* (Venuti, 2021); *Escândalos da tradução* (Venuti, 2019); *Memes da Tradução* (Chesterman, 2022); *Explorando*

---

*teorias da tradução* (Pym, 2017); *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (Berman, 2013); *Teorias contemporâneas da tradução* (Gentzler, 2009), entre outras, vêm sendo primordial na discussão da tradução prática e teórica e na promoção de senso crítico, pois essas são obras que discutem a tradução de maneira mais ampla e questionam mitos da tradução<sup>x</sup>. Venuti, por exemplo, é um autor frequentemente mal compreendido — ainda que os conceitos de domesticação e estrangeirização sejam amplamente usados em trabalhos acadêmicos, os efeitos que cada um acarreta à tradução em diferentes contextos nem sempre são compreendidos de maneira satisfatória. A tradução, com certeza, pode auxiliar na compreensão desse autor fundamental aos ET.

Outro livro cuja tradução tem produzido discussões profícuas em sala de aula é o trabalho de Chesterman (2022). Eu mesma utilizei a obra do autor como referência, mas tive dificuldade com os exemplos em língua alemã, língua que não domino. As tradutoras da obra adicionaram exemplos em português, o que facilita muito a compreensão do conteúdo, principalmente ao escolherem exemplos específicos da cultura brasileira<sup>xi</sup>.

Mais obras como essas precisam ser traduzidas para o português, embora saibamos das 8 dificuldades de fazê-lo por questões de direitos autorais, que podem ter valor proibitivo em nosso país, o que também afeta o tempo de publicação do texto traduzido, que às vezes só acontece muitos anos depois da publicação da obra de partida. Contudo, ainda que seminais, essas obras também precisam ser questionadas, pois nem tudo que se aplica a culturas do hemisfério norte são adequadas ao nosso contexto acadêmico e profissional.

## Estágio de tradução

Outra fase em que alunos do Bacharelado têm contato com a tradução de teoria, e que precede aquela de elaboração do TCC, é o estágio de tradução, quando traduzem um texto escolhido pelo professor, que pode ser de qualquer área ou gênero, levando em consideração a relevância do texto para a formação profissional desses alunos. Nessa etapa, a ideia é proporcionar aos estagiários uma experiência análoga àquela que encontrarão no mundo real<sup>xii</sup>. Pode-se dizer que os estágios nos cursos de Bacharelado alinharam-se ao que Kiraly (2014) apresenta em sua abordagem construtivista, que sugere a criação de projetos que permitam que os alunos tenham oportunidade de se familiarizarem com as práticas e conhecimento compartilhado pela comunidade de tradutores profissionais.

Com base nesses objetivos, venho buscando trabalhar cada vez mais com tradução de teoria dos ET no estágio. Infelizmente, a divulgação de conhecimento, como tantos outros

---

aspectos de sua produção, envolve muita desigualdade, assim, enfrentamos dificuldades várias para ter acesso a trabalhos recentes de nossa área, não só em relação a livros, como já mencionado, mas também artigos avulsos e periódicos. Talvez o lado positivo dessa situação é que podemos olhar com mais atenção ao que é produzido em países não hegemônicos. Nesse sentido, há um número crescente de sites que abrigam textos teóricos de acesso livre, o que permite que sejam traduzidos e divulgados<sup>xiii</sup> com mais facilidade. Ao traduzir textos de acesso livre, os estagiários irrevogavelmente entram em contato com esses outros olhares, visto que a maioria acaba sendo de países que, como nós, produzem e consomem um volume alto de traduções a partir do inglês (e.g., Itália, Portugal, Espanha, outros países latinoamericanos, países do leste europeu). Esse contato, que tem o potencial de nos unir enquanto grupo, permite que observemos as diferenças e semelhanças nas abordagens relacionadas ao fenômeno tradutório.

Isso posto, a minha seleção de textos não se limita a textos dos ET, sendo que escolho também textos de outras áreas que com eles dialoguem. É curioso observar, porém, que alguns textos de áreas como tradução audiovisual (TAV), localização, museologia, turismo, entre outras, por vezes, apresentam uma visão retrógrada de tradução, sendo comum depararmos com comentários sobre a limitação dos ET, que ainda estariam presos a conceitos de fidelidade e tradução literal; que dublagem ou localização, por exemplo, são processos que vão muito além de uma “mera” tradução; ou que qualquer texto que apresente muitas mudanças feita pelo tradutor não pode ser considerada uma tradução “propriamente dita”.<sup>xiv</sup> Ainda que seja indigesto ler comentários que colocam a tradução e o tradutor em uma posição de subalternidade depois das tantas conquistas pelas quais passou a disciplina dos ET, acredito ser importantíssimo mantermos aberto o caminho da interdisciplinaridade, pois enriquece a discussão sobre o papel e escopo da tradução. Ou, como defendem alguns autores (Bednárová-Gibová, 2021; Massey, 2020, Zwischenberger, 2019; Göpferich, 2011), talvez seja mais apropriado falarmos em transdisciplinaridade, por estar mais próximo de uma “indisciplinaridade recíproca” (Göpferich, 2011), que pressupõe uma colaboração mais equilibrada entre disciplinas. Para Zwischenberger (2019), os ET precisam estender o olhar para fora e mostrar sua relevância e impacto em outras disciplinas para que outras áreas possam ampliar sua visão sobre o fenômeno tradutório.

Quando trabalhamos no estágio textos que apresentam visões já ultrapassadas sobre tradução ou os ET, pensamos em estratégias que possam destacar essas disparidades. Alguns tradutores escolhem, por exemplo, adicionar notas de rodapé sugerindo leituras adicionais

---

sobre determinado conceito ou ideia; outros preferem explicitar diretamente nas notas como aquele conceito ou ideia é tratado nos ET. Outra estratégia é deliberar sobre certas divergências no texto introdutório das traduções. Dessa maneira, temos textos que discutem o papel da tradução em diferentes disciplinas, mas, ao mesmo tempo, divulgamos o que, de fato, é discutido em nossa área e o quanto já avançamos.

Em termos de resultado prático, a escolha de trabalhar com textos teóricos no estágio acaba por oferecer ao aluno a oportunidade de ter sua tradução publicada em algum periódico nacional que contemple teorias de tradução<sup>xv</sup>, assim como ter a tradução adicionada à lista de recomendação de leitura das disciplinas de tradução do curso de Bacharelado. Outro benefício oriundo dessa escolha diz respeito à elaboração do TCC.

### **Trabalho de Conclusão de Curso**

Visto por muitos na academia como um trabalho menor, como observam Silva e Loguerio (2021), esse é, de fato, o primeiro instrumento de compartilhamento de conhecimento adquirido no ambiente acadêmico, sendo, assim, um importante espaço para se dar início à discussão teórica com base em conceitos discutidos na área. Percebe-se, porém, que muitos alunos veem o TCC apenas como o último obstáculo para a obtenção do sonhado diploma, ou seja, também lhe atribuem uma carga negativa — é sobretudo uma obrigação.

Mostrar a relevância do TCC é um outro aspecto que carece de um pouco de convencimento para que os alunos vejam que ele é um registro fundamental do conhecimento adquirido durante os quatro anos de formação e que é algo que carrega valor para vários atores: para o próprio aluno, para outros alunos que vierem depois dele, para tradutores interessados em teoria, para pesquisadores em tradução. Além disso, ele pode ser a porta de ingresso em programas de pós-graduação para aqueles que desejam permanecer na academia.

Felizmente, vem crescendo o número de TCCs que utilizam teorias da tradução como aporte teórico (Silva e Loguerio, 2024; Silva e Loguerio, 2021). É importante que tenhamos tradutores em formação usando teoria da tradução ou de áreas afins porque trazem uma perspectiva menos conservadora da tradução e de seu próprio papel. Com a divulgação do conhecimento, esses textos têm, inclusive, potencial de chegarem a diferentes espaços e contribuir para que outras áreas possam também compreender os avanços teóricos de nossa área, da mesma maneira que pode acontecer com artigos ou ensaios acadêmicos publicados em periódicos.

---

No estágio, muitos alunos acabam inspirados pela tradução feita nessa etapa e escolhem trabalhar com o mesmo tema, ou tema correlato, em seus TCCs, pois sentem que ter traduzido a teoria lhes abriu caminho para uma melhor compreensão do tópico em questão. Também já orientei aluno que traduziu um capítulo de um determinado tópico da área no estágio e um segundo capítulo do mesmo livro, mas como tradução comentada no TCC, o que é bastante enriquecedor do ponto de vista do aprendizado em tradução, pois é um exemplo claro de prática e teoria se complementando. Além disso, como mencionado, oriento alunos que trabalham com diferentes línguas, assim, textos teóricos traduzidos do inglês podem ser bem aproveitados nessas orientações.

### **Recapitulando...**

Neste artigo trouxe minha experiência como docente em um curso universitário que forma tradutores para discorrer sobre a tradução (e uso) de textos teóricos nesse ambiente acadêmico. Trouxe alguns autores (Pym, 2017; Hurtado Albir, 2015a; 2015b; Schäffner, 2000) para ressaltar a relevância do conhecimento teórico para tradutores, tanto na formação quanto na vida profissional, pois ter esse conhecimento auxilia a reflexão sobre a tradução, o papel do tradutor e as complexidades envolvidas no fenômeno tradutório.

Partindo dessa relevância, argumentei que traduzir teoria potencializa esses benefícios, pois ainda pode preparar o tradutor em formação para suas próprias produções na área, dar acesso ao que está sendo discutido em outros países e compartilhar o que produzimos aqui. Se no mundo globalizado a tradução é essencial, esse compartilhamento de conhecimento tem o potencial de minimizar as desigualdades oriundas dessa globalização, que está ancorada em relações de desigualdade; desigualdade essa refletida na própria área dos ET, em que boa parte das reflexões estão baseadas em conceitualização eurocêntricas. Assim, faz-se também necessário que se amplie o conceito de tradução para abrir espaço para outras perspectivas, pois isso impacta o papel da tradução e do tradutor nesse mundo globalizado, permitindo que tenhamos participação mais ativa no que acontece nos ET.

Paradoxalmente, essa ampliação de conceitualização também acontece pela falta de disponibilidade de textos de acesso livre produzidos sobretudo em países anglófonos. O contato com a produção de países que, como nós, produzem e consomem um volume alto de traduções, acaba por favorecer a diversidade e também pode nos fortalecer como grupo. Isso permite que tenhamos contato com as diferentes abordagens e metodologias. Além disso, traduzir textos de

---

áreas próximas aos ET também nos é favorável, pois é uma maneira de mudar a visão limitada que possam ter da tradução e da disciplina.

Ao falar de tradução de teoria em diferentes estágios na formação acadêmica, busquei mostrar que essa é uma maneira de consolidar o conhecimento teórico, que acompanhará os tradutores em formação ao longo da vida acadêmica e também em sua vida profissional. Se considerarmos que o tradutor do século XXI convive cada vez mais lado a lado com a tecnologia (tradutores automáticos, memórias de tradução, inteligência artificial), o conhecimento teórico talvez seja um dos elementos principais que separa o tradutor humano da máquina.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana (eds.). *Traduzir com autonomia: Estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

ARROJO, R. *O signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 2003.

- 12 BAKER, M. Translation and activism: Emerging patterns of narrative community. In:  
TYMOCZKO, M. (ed.). *Translation, resistance, activism*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2010. p. 23-41.

BAKER, M. *Translation and conflict: A narrative account*. Oxon: Routledge, 2006.

BASSNETT, S; JOHNSTON D. The outward turn in translation studies, *The Translator*, v. 25, n. 3, p. 181-188, 2019. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1080/13556509.2019.1701228>.

BEDNÁROVÁ-GIBOVÁ, K. The changing face of contemporary translation studies through polydisciplinary lenses: Possibilities and caveats. *Russian Journal of Linguistics*, v. 25, n. 2, p. 462–477, 2021.

BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torre; Mauri Furlan; Andreia Guerini. Florianópolis: Copiart, 2013.

BIELSA, E.; HUGHES, C.W. (eds). *Globalization, political violence and translation*. London: Palgrave Macmillan, 2009.

CANDIDO, A-C. O. *A tecnologia no processo tradutório: investigando o uso de sistemas de tradução automática e de ferramentas de TAC na tradução literária*. 2022. 85p.  
Dissertação (Mestrado em Tradução) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2022.

CHESTERMAN, A. *Memes da tradução*. Tradução de M. Pfau (coord.); F. Costa; M, Portela; M. Santana; N. A. Borges; S. Sales. Salvador: Edufba, 2022.

---

COSTA, Patrícia Rodrigues. *Formação de tradutores no Brasil: currículo e história*. 1. ed. Campinas: Pontes editores, 2020. v. 407.

ECHEVERRI, A. Translator education and metacognition: Towards student-centered approaches to translator education. In: CUI Y.; ZHAO W. (Eds.). *Handbook of research on teaching methods in language translation and interpretation*, 2015, p. 297-323. Disponível em: <https://doi.org/10.4018/978-1-4666-6615-3.ch016>.

ESQUEDA, M. D. *Ensino de Tradução: proposições didáticas à luz da competência tradutória*. 1. ed. Uberlândia: EDUFU Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2020a. v. 1. 232p

ESQUEDA, M. D. Ensino de tradução: Perfis e abordagens pedagógicas de docentes brasileiros e canadenses. *Belas Infiéis*, Brasília, Brasil, v. 9, n. 1, p. 127–166, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/24657>.

ESQUEDA, M. D. Ensino de Tradução: Culturas Pedagógicas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 57, n. 2, p. 1244–1273, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651880>.

FRANCO AIXELÁ, J. *Bitra* (Bibliography of Interpreting and Translation), 2001-2025. Disponível em: [https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra\\_int/usu/buscar.asp?idioma=en](https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp?idioma=en).

13

GENTZLER, E. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

GÖPFERICH, S. From multidisciplinarity to transdisciplinarity: The investigation of competence development as a case in point. In: *MikaEL electronic proceedings of the KäTu Symposium on Translation and Interpreting Studies*, n. 5, p. 1–24, 2011.

HEILBRON, J.; SAPIRO, G. Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas. *Graphos*, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 13-28, 2009.

HURTADO ALBIR, A. *Aprender a traducir del francés al español: Competencias y tareas para la iniciación a la traducción*. Universitat Jaume I, Servei de Comunicació i Publicacions, 2015a.

HURTADO ALBIR, A. *Aprender a traducir del francés al español: Competencias y tareas para la iniciación a la traducción*. Guía didáctica. Universitat Jaume I, Servei de Comunicació i Publicacions, 2015b.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. Tradução de Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. In: JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*, São Paulo: Cultrix, 2009 [1959], p. 79-81.

KELLY, D. Translator competence contextualized. Translator training in the framework of higher education reform: In search of alignment in curricular design. In: KELLY, D.;

---

RYOU, K. (eds.), *Across boundaries. International perspectives on translation studies*, 2007, p. 128–142.

KELLY, D. *A handbook for translators trainers*. St. Jerome Publishing, 2005.

KIRALY, D. *A social constructivist approach to translator education: Empowerment from theory to practice*. London: Routledge, 2014 [2000].

MASSEY, G. *Moving from interdisciplinarity to transdisciplinarity: Research in translation studies*. A talk given at the QS Subject Focus Summit – Modern Languages & Linguistics: Languages and Migration in a Globalized World, 15-17 dec., 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/354996881>.

NECKEL, F. M.; VASCONCELLOS, M.L. *Traduzir e refletir: Unidades didáticas para a formação inicial de tradutores - livro do(a) professor(a)*, v.1. Campinas: Editora Pontes, 2023a.

NECKEL, F. M.; VASCONCELLOS, M.L. *Traduzir e refletir: Unidades didáticas para a formação inicial de tradutores - livro do(a) aluno(a)*, v.1. Campinas: Editora Pontes, 2023b.

NORD, C. *Translating as a purposeful activity: Functional approaches explained*. 2a. ed. Oxon: Routledge, 2018.

PFAU, M. Traduzindo Memes of translation de Andrew Chesterman para o português brasileiro. *Cultura e Tradução*, v.6 n.1, p. 86-98, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/view/48671>.

PEREIRA, G.H. ; COSTA, P.R.; SILVA, R.D.B. (Org.). *Formação de tradutores: Desafios da sala de aula*. 1ed.Campinas: Pontes Editores, 2020, v. 9.

PYM, A. *Explorando teorias da tradução*. Tradução de Rodrigo B. de Faveri; Cláudia B. de Faveri; Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SCHÄFFNER, C. Running before walking? Designing a translation programme at undergraduate level. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (eds.). *Developing translation competence*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins Translation Library, 2000, p. 143-156.

SILVA, M.M.; LOGUERCIO, S. D. Observatório da tradução sensível, ou para que causas formamos tradutores/as? In: REBECHI, R.; REUILlard, P. C.; SILVA, M.M.; BEVILACQUA, C. *Do Sul para o mundo: outras perspectivas dos estudos da tradução*, 2024, p. 197-227. Disponível em: <https://online.fliphtml5.com/kfqsf/tmll/#p=4>.

SILVA, M.M.; LOGUERCIO, S. D. Por uma formação crítica e engajada de tradutores. *Revista Belas Infiéis*, v. 10, p. 01-24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/36372/31634>.

SILVA, M.M. A Importância do ensino da tradução inversa em curso de formação de tradutores. In: PEREIRA, G.H. ; COSTA, P.R; SILVA, R. R.D.B. (Org.). *Formação de tradutores: desafios da sala de aula.* 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2020, v. 9, p. 243-262.

SILVA, M. M.; FERNANDES, L. Assessing Translation Students in a Brazilian University. *Matices en Lenguas Extranjeras*, n.14, v.1, p. 12-42.

SOBRAL, A. *Dizer o ‘mesmo’ a outros: Ensaios sobre tradução.* São Paulo: Editora SBS, 2020.

SPOLIDORIO, S. O lugar da teoria e da prática em cursos de graduação em tradução. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 167-186, 2020.

TYMOCZKO, M. Translation, ethics and ideology in a violent globalizing world. In: BIELSA, E.; HUGHES, C.W. (eds). *Globalization, political violence and translation.* London: Palgrave Macmillan, 2009, p. 171-194.

VENUTI, L. *A invisibilidade do tradutor: Uma história da tradução.* Tradução de Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução: Por uma ética da diferença.* Tradução de Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

WEININGER, M.J. Estrela guia ou utopia inalcançável: Uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução. In: CARDozo, M; HEIDERMANN, W.; WEININGER, M. J. (ed.) *A Escola Tradutológica de Leipzig.* Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009, p. XIX-XXVIII.

ZWISCHENBERGER, C. On turns and fashions in translation studies and beyond. *Translation Studies*, v. 16, n. 1, p. 1-16, 2023. DOI: 10.1080/14781700.2022.2052950. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14781700.2022.2052950>.

<sup>i</sup> Vale destacar, porém, que a opinião que tem o mercado de trabalho no Brasil sobre cursos de graduação é totalmente oposta, pois acreditam que esses cursos só se preocupam com a teoria sem oferecer treinamento prático (ver Spolidorio, 2020).

<sup>ii</sup> No original: “*For much of what happens under the umbrella term of ‘Translation Studies’ takes the form of practical training programmes for translators, with minimal theoretical input and a decided shift away from research into the history of translation practice. As already noted, the basic assumption of the new field as it emerged was that translation ought to be taken seriously as one of the major shaping elements in the processes of transmission of ideas, texts and cultural practices, but significantly research in these areas today is more often being undertaken under the aegis of comparative or world literature., with little or no recognition that TS even exists. Far less of this kind of research is happening under the aegis of Translation Studies, despite the proposition voiced in the late 1970s by the founders of the discipline that this was precisely what was needed if the status of translation were ever to be raised”*

<sup>iii</sup> Heilbron e Sapiro (2009) apresentam um estudo sobre o mercado global da tradução que inclui dados dos países que menos/mais produzem e consomem tradução. Os países anglófonos, sobretudo Inglaterra e Estados Unidos

encabeçam a lista de países com um mercado de tradução bastante limitado (menos de 4% da produção nacional de livros), mas, por outro lado, eles são os maiores produtores de textos que são traduzidos globalmente. O Brasil estaria entre os países com 1% ou menos de sua produção nacional traduzida para outros idiomas. Candido (2022) aponta que em 2018 o Brasil ocupou a oitava posição em produção mundial de livros, mas segundo a autora, em 2020, de dez livros de ficção mais vendidos no país, oito foram originalmente escritos em outra língua, ou seja, traduções.

<sup>iv</sup> No original: “*translation studies must move beyond Eurocentric conceptualizations and translators must be self-reflexive about their pre-theoretical understandings and practices of translation or else translation becomes an instrument of domination, oppression and exploitation; translators themselves are at risk of becoming agents of violence of various kinds. When translators remain unaware of their pre-theoretical assumptions, they also play out hegemonic roles in their work and accede in limiting their own agency as translators*”.

<sup>v</sup> No original: *Enlarging the conceptualization of translation beyond Western views makes room for more types of translation processes, for more types of translation products, and for additional empowered roles for translators, thus expanding the domain and forms of translation and the agency of translators simultaneously. All these factors are relevant to the role that translation and translators play in a globalizing world, indicating the potential of translation both to foster and to mitigate political violence.*

<sup>vi</sup> Aqui me refiro ao curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O curso de quatro anos oferece 3 disciplinas obrigatórias de tradução e de versão (I, II e III), e 1 eletiva (tradução/versão literária) e 1 disciplina teórica (Estudos de Tradução).

<sup>vii</sup> Além disso, basta observarmos o número de simpósios e trabalhos apresentados em congressos da área sobre o assunto nos últimos anos aqui no Brasil, assim como a publicação de números especiais de periódicos dedicados ao tema, como os das revistas Belas Infiéis (UnB) e Cadernos de Tradução (UFSC).

<sup>viii</sup> Ver Silva e Fernandes (2020), que relatam experiência de ensino de tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>ix</sup> Aqui me refiro a problemas de tradução como definidos por Nord (2018), ou seja, serão sempre problemas de tradução, mesmo tendo o tradutor habilidade de lidar com eles de maneira rápida e eficaz, o que difere das dificuldades subjetivas de tradução, que se referem a dificuldades do tradutor para encontrar soluções devido à própria deficiência linguística, cultural ou tradutória.

<sup>x</sup> Ver Weininger (2009) e Alves *et al.* (2000) para uma discussão sobre mitos da tradução, alguns dos quais são apresentados em Chesterman (2022) como *supermemes*.

<sup>xi</sup> Em Pfau (2020), a autora, que é uma das tradutoras do livro de Chesterman, descreve o trabalho de tradução das participantes do projeto de pesquisa sob sua coordenação *Tradução de Textos Fundamentais*, que tem por objetivo traduzir textos teóricos para “dar acesso aos textos na língua oficial do país e também trazer mais acessibilidade a essas obras” (Pfau, 2020, p. 88).

<sup>xii</sup> Quando falo aqui em mundo real, é importante destacar que não há de fato demanda para textos de teoria de tradução no mercado de trabalho, porém, o tradutor pode traduzir textos no contexto acadêmico e ser remunerado por seu trabalho.

<sup>xiii</sup> Periódicos de acesso livre em diferentes áreas podem ser encontrados em <https://www.scirp.org/index>. Ver também Franco Aixelá, 2001-2025.

<sup>xiv</sup> O uso dessa denominação aqui tem origem em Jakobson (2009), que ao apresentar seus tipos de tradução a usa como uma segunda opção para a *tradução interlingual*, por ele definida como sendo a interpretação dos signos verbais de uma língua por meio dos signos verbais de outra língua. Apresentado em 1959, o modelo foi pouco explorado pelo linguista, mas se ele consiste em três tipos de tradução, o nome alternativo, hoje, soa conservador e limitante. Porém, fora dos ET, a ideia de uma “tradução propriamente dita” parece ainda imperar.

<sup>xv</sup> No contexto da UFRGS, muitos dos trabalhos dos estagiários são publicados nos Cadernos de Tradução — UFRGS, periódico criado em 1997, que abre espaço para autores de diferentes titulações. Ver: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao>.